

O CONFLITO E O AMOR

Edmilson Lopes da Cruz Junior¹

INTRODUÇÃO

Na corrente filosófica denominada existencialista (por mais que alguns filósofos negue tal denominação) os filósofos costumam ser tomados como pessimistas, por colocarem toda a responsabilidade da vida do homem no próprio homem que se faz conforme sua existência através de suas escolhas. Com Jean-Paul Sartre não foi diferente; ele se torna famoso após uma conferência, que foi intitulada de “O Existencialismo é um Humanismo”, onde ele no início da conferência diz as suas intenções com aquela conferência quando diz: “*Gostaria de defender, aqui, o existencialismo de uma série de críticas que lhe foram feitas.*” (SARTRE, 1970, p. 1). Com isso Sartre vai defender o existencialismo das críticas que estava recebendo de várias doutrinas entre elas a principal era o cristianismo. Sartre com isso vai defender que a liberdade do homem para escolher abre possibilidades, para uma existência mais lúcida e livre de doutrinas que enquadra o homem em regras dadas como essenciais ou que querem mostrar que o homem foi pensado antes de vir ao mundo por algo transcendente; querendo dizer com isso que o homem se faz na existência e não nasce com uma essência determinada e deixa claro isso com a famosa frase “*A existência precede a essência*” (SARTRE, 1970, p. 3).

Sartre é famoso por ser engajado em suas investigações e por isso é severo em suas conclusões e as leva até as últimas consequências; e por isso não é fácil encontrar uma forma de justificar a existência do homem que para Sartre de fato não tem justificativa; determinando assim que o homem é contingente, ou seja, sem necessidade. Porém é no amor que Sartre mais abre a possibilidade para que o homem tenha completude, que o homem se sinta ao menos justificado em sua existência, e é nesse sentido que o amor tem uma importância na filosofia sartriana, cujo meu intuito é mostrar que apesar da relação com o outro ser um grande conflito

¹ Aluno do curso de filosofia – Universidade Mackenzie

de significação da existência, o amor na filosofia de Sartre tem extrema importância para a existência do homem, enquanto ser Para-si onde não tem finalidade, então o amor de certa forma tira por alguns instantes da vida o homem deste sufoco existencial que falta significação, completude e determinação.

O CONFLITO COM O OUTRO

O homem é um ser indeterminado e por isso Sartre chama o homem de ser Para-si e, constatando a sua falta de determinação ele define o homem como contingente, ou seja, sem necessidade; e então o homem em suas relações esta cercado de Em-si e a única relação possível do Para-si é com o Em-si, portanto o ser Para-si quer dizer que vai para ou em direção ao Em-si; e o homem tenta encontrar sua significação, no mundo para tentar completar esse falta de significação dado que nasce sem essência; ou seja, para completar esse nada que para Sartre é o homem. Diferentemente das coisas do mundo que parece se bastar a si mesmos, chamados então de ser Em-si; e essa é a relação do homem com o mundo onde o homem foge de si numa fuga para fora de si como diz Sartre: “*O Para-si como nadificação do Em-si se temporaliza como fuga para; (...) rumo ao Em-si que ele seria se pudesse ser seu próprio fundamento*”. (SARTRE, 1997 p 452).

Na relação com o Outro as coisas se equivalem dado que o Outro é pura liberdade como nós, e ao mesmo tempo em que procuro livrar-me do domínio do Outro o Outro procura livrar-se de meu domínio e assim se forma um conflito de significação do homem como reivindicando a sua subjetividade como sujeito. O Outro tomado como um observador ele rouba o meu ser e dá assim objetivação para mim me tornando um ser-Objeto, e com isso guarda o segredo de meu ser que me escapa e com isso me torno um ser-Para-outro, cujo Outro fundamenta meu ser e essa posse é a consciência que ele tem de me possuir. E eu quando tenho consciência do reconhecimento de minha objetividade, percebo que o outro me possui e roubou meu ser; então na medida em que percebo o meu ser me desvelo e reivindico assim o ser que sou; e quero reconquista-lo, dado que fui roubado pelo Outro e então, tento reconquistar meu ser, pois se o Outro me possui e consigo recuperar esse ser que está com o Outro, consigo fundamentar meu próprio ser, mas isso só dará certo se eu conseguir assimilar a liberdade do Outro. E para isso

preciso assimilar eu e o Outro em uma unidade como diz Sartre: “(...) *se projeto realizar a unidade com o Outro, significa que projeto assim assimilar a alteridade do Outro enquanto tal, como minha possibilidade própria*”. (SARTRE, 1997, p. 455). Quero com isso assimilar o Outro enquanto Outro-olhador e não como Outro-objeto, pois devo assimilar a minha liberdade com a dele enquanto fundador de meu ser. Mas essa assimilação com o Outro é impossível, pois não existe uma relação de negação interna entre eu e o Outro, pois a contingência do homem é insuperável e se o homem não tem fundamento, um homem nunca conseguirá encontrar seu ser no outro, dado que não há ser no homem por isso fica impossível essa assimilação da liberdade de um para com o outro; e esse é o grande problema da unificação e da relação com o Outro, pois quando quero reivindicar meu ser que esta em posse do Outro o Outro também quer reivindicar seu próprio ser que esta em minha posse e com isso a unificação é impossível por esta impossibilidade de se significar no Outro.

O AMOR

Dado que sabemos dos conflitos que temos em relação ao Outro, vamos nos focar no que é o amor para Sartre. Para que haja amor necessariamente precisamos de nos relacionar com o Outro, e naturalmente haverá o conflito como dito acima; agora então temos que fazer uma distinção da relação com o Outro pura e simplesmente e da relação com o Outro com vistas ao amor.

Na relação com Outro a relação é por significação de ser frente ao Outro, ou seja, é um conflito de completude própria agindo sob a liberdade do outro e querendo se significar como um sujeito frente ao outro, então é uma busca de ser-no-Outro dado que ele é um olhador e rouba seu ser, e através disso o homem percebendo que é posse do Outro e o Outro detém o segredo de seu ser no mundo; o homem reivindica o seu ser para que consiga se significar como sujeito e não seja apenas um objeto frente a Outro.

No amor a relação com o Outro é conflituosa, mas a diferença é que o projeto que se faz no amor é pela busca de seu ideal, como valor próprio, finalidade última, é projeto pelo qual o homem visa realizar este valor próprio.

O amor é conflito pelo fato de ter relação direta de um com a liberdade do Outro, por isso um quer agir na liberdade do Outro e o outro quer o mesmo na

medida em que também é liberdade e olhador do Outro, então um quer se significar na liberdade do Outro, mas não tem segurança nisso, pois o Outro me modela faz de mim um objeto sem que eu saiba de fato o que sou; e meu projeto de recuperar a mim mesmo só pode se realizar caso eu apodere a liberdade dele sem tornar ele um objeto, ou seja, deixando-o livre, pois ele possui meu ser e é em sua liberdade que o Outro fundamenta meu ser e por isso devo possuí-lo como objeto limite. Sartre em então faz uma indagação: “*por que o amante quer ser amado?*”. (SARTRE, 1997, p. 457).

Ora, se o amor fosse puro desejo de posse sexual, física poderia ser facilmente satisfeito; pois um homem pode possuir uma mulher ou uma mulher possuir um homem de forma que respeite todas as suas condições por maneiras de imposição como um ditador, ou por condições financeiras, por chantagens entre outras maneiras; mas mesmo nessas condições não é suficiente, pois aquele que mantém a posse física do Outro quer é dominar a consciência do Outro, pois apesar da posse física que o dominante tem; o dominado pode escapar justamente pela consciência e isso incomoda o dominante e por isso é pela consciência que aquele que tem a posse física do Outro busca dominar.

E não é por esse desejo de posse que o amante quer ser amado, pois é pela liberdade do Outro que o amante “encontra” seu ser, e se mantiver essa relação de posse o Outro seria apenas um objeto que jamais poderia significar o amante em sua liberdade, pelo fato de ser apenas objeto. Então o amante “*quer possuir uma liberdade enquanto liberdade*”. (SARTRE, 1997, p. 458). O amante também não quer uma liberdade em demasia, como se fosse um dever moral, pois quem se satisfaria vendo o amado fazer uma jura de amor se comprometendo a amar para não se contradizer a si mesmo, como se fosse um contrato onde ambos aceitam condições por formalidade. O amante quer o Outro como liberdade, mas uma liberdade limite, então o amante quer ser amado por uma liberdade, e exige que tal liberdade não seja mais livre; quer que o amado por si próprio se limite em sua liberdade e reconheça o amante como ser amado por ele mesmo.

“No amor, não é o determinismo passional que desejamos no Outro, nem uma liberdade fora de alcance, mas sim uma liberdade que desempenhe o papel de determinismo passional e fique aprisionado nesse papel”. (SARTRE, 1997, p. 458).

Nas relações do amor as coisas acontecem de forma que ambos entrem em uma unidade de projetos deles próprios e por isso um não deseja ter apenas a posse do Outro e nem Outro de ter a posse de um, por que a posse buscada é a posse da consciência, e com a posse apenas física o outro não poderia fundamentar o meu ser em nossa relação e por isso não seria vantajoso para o amado. E é claro desejo o Outro como liberdade, mas não uma liberdade de “contrato” onde o Outro se comprometa a me amar, pois essa não é uma forma legítima do que se entende por amor, e então não satisfaria o amante tal tipo de formalidade do amor. Essa relação na verdade se dá como no sentido como dito agora:

“No amor, as coisas correm como se tentássemos concretizar a unidade. “Eu-Outro”. Já que a nossa liberdade é constantemente ameaçada pela liberdade do Outro, que ao menos com relação a alguém – a pessoa amada – nós possamos conjugar as nossas subjetividades, sem qualquer conflito.” (PERDIGÃO, 1995 p. 149).

O amante então quer que a liberdade do Outro se limite a seu reconhecimento como o “mundo inteiro” e por isso, não pode transcendê-lo para além dele, pois quer ser o limite objetivo e quer ser escolhido de forma livre para se sentir amado por uma liberdade que fundamenta seu ser e que a partir disso o próprio ser amado encontre o seu ser no Outro, e com isso forme uma unidade para tentar encontrar esta unidade “Eu-Outro”.

Para isso devo ter o amado como liberdade, e desejo também ser escolhido livremente e não por uma simples contingência, como se fosse escolhido de forma relativa; estava passando por um lugar como qualquer outra pessoa e o amado me encontrou ali e me escolheu, mas se não tivesse passado ali naquele momento naquela hora, poderia ser outra pessoa a escolhida, não poderia ser nesse sentido, pois assim seria um ser no fundo do mundo e por isso o amante se sentiria desvalorizado por ter sido escolhido de forma relativa e contingente. O que o amante quer é que o ser amado o escolha livremente e o deseje como ser que tenha seu valor próprio e absoluto para que o amante seja valorizado no sentido de ter uma significação na sua própria condição de nada no mundo. E com isso meu ser é tido pelo Outro como facticidade que se salva a partir do momento em que sou reconhecido e amado livremente enquanto condição de livre limitado e pela

liberdade do outro que é também limitada por mim em busca então dessa unidade que buscamos enquanto seres que somos livres, ou seja, um nada que somos sem determinação e por isso procuro me identificar na medida em vou me fazendo livremente ser.

“Em vez de nos sentirmos, como antes de sermos amados, apreensivos por esta protuberância injustificada e injustificável que era a nossa existência, em vez de nos sentirmos “supérfluos”, agora sentimos que esta existência é recuperada e querida em seus menores detalhes por uma liberdade absoluta, a qual nossa existência ao mesmo tempo condiciona e nós mesmos queremos com nossa própria liberdade. Este, fundo de alegria do amor, quando existe: sentimos que nossa existência é justificada.” (SARTRE, 1997, p. 463).

E nesse sentido é a liberdade do Outro que fundamenta a minha existência, e com isso tenho a prova de minha estrutura ontológica, dado que sou amado e reconhecido como liberdade limite e absoluta e que fui escolhido pelo amante de forma a me por a frente do mundo e não por pura contingência ou relatividade de ocasião vivida na vida cotidiana entre outros, e o Outro também é considerado como escolhido nas mesmas condições ditas à cima e então a “essência” foi determinada por essa relação de significação de existência no sentido de estrutura ontológica, mas essa “essência” não é definitiva, pois o homem jamais encontrará a sua significação é apenas busca de significação sem jamais se justificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, já que para Sartre a existência do homem não é justificada por transcendência ou por qualquer outra forma de justificativa de existência; o homem então para Sartre nasce como um nada, e com isso, ele chega à conclusão de que o homem é contingente, e por essa contingência o homem é livre dado que não tem necessidade alguma no mundo.

E dado a sua liberdade de consciência e de ser, ele vai em direção ao Outro para tentar se significar como um ser no mundo, ou seja, vai à busca de sua estrutura ontológica, e vai buscar esta estrutura ontológica para tentar ao menos justificar sua existência no outro, porém o outro também está nessa busca de sua estrutura ontológica por estar na mesma condição de liberdade, e com isso há um conflito de significação de ser.

Mais existe uma possibilidade de encontrar a significação de seu ser no outro, mas não num outro qualquer, mas no outro onde o homem busca o amor ou no ideal do amor como valor próprio e absoluto, por isso, apesar de ainda haver conflito de significação; no caso do amor dado que se busca a realização de projeto próprio de ser com vistas ao amor ou seu ideal, o homem pode encontrar a sua estrutura ontológica e com isso significar a sua própria existência.

Apesar das relações com o outro ser de conflitos e conturbações, pelo fato de cada homem buscar em sua existência sua significação própria, dado que nasce sem essa significação, sem determinação e sem justificativa; no amor o homem encontra a grande possibilidade de se significar e tirar de si pelo menos por alguns instantes a angústia de não saber a justificativa e a significação de sua existência no mundo. E quando encontra outro que tem o mesmo projeto de significação que tem em vista o amor como um valor próprio e absoluto o homem começa a se sentir justificado e senti a sua existência explicada; encontrando assim, por alguns instantes a sua estrutura ontológica tão buscada por toda a sua vida.

Portanto, o homem pode com isso se sentir justificado e se sentir significado no mundo, porém de fato ele jamais se justificará em si, o homem está sempre em busca de sua justificativa e significação, ele pode até se sentir por alguns instantes justificado, mas ele jamais encontrará de fato o seu ser ou a justificativa de sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Lancelin, Aude – *Os filósofos e o amor: de Sócrates a Simone de Beauvoir* / Aude Lancelin, Marie Lemonnier, tradução André Telles. – Rio de Janeiro. Agir, 2009.

Perdigão, Paulo – *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre* / Porto Alegre: L&MP. 1995.

Sartre, Jean-Paul – *O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica* / tradução de Paulo Perdigão. 23. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____ - *O existencialismo é um humanismo* / tradução de Rita Guedes Correia. Les Éditions Nagel, Paris, 1970.